

A REINTEGRAÇÃO CONCEPTUAL EM PORTRAIT HIJACKS: UMA VISÃO ECOLÓGICA

CONCEPTUAL REINTEGRATION IN PORTRAIT HIJACKS: AN ECOLOGICAL VIEW

Eduardo Alves da Silva **1**

Resumo: O presente estudo apresenta um enfoque sobre integração conceptual sob uma perspectiva ecológica de linguagem. Embora a Mesclagem Conceptual seja considerada a chave da evolução e criatividade humana na revolução cultural, sua teoria é alvo de muita contestação. Nos Portrait Hijacks (figuras de rostos de celebridades fundidas em forma de arte), o que se vê é uma espécie de integração de conceitos única. Estas redes de conceitos integrados podem ser explicadas por uma espécie de recrutamento ecológico que se forma para a formação de sentido. O objetivo do estudo é fornecer subsídios para a assunção que a integração conceptual possui uma base corporificada e está ligada a nossas experiências com o ambiente. Parto de uma metodologia explicativa no sentido de explanar os fatores que levam ao fenômeno da integração conceptual. A abordagem é qualitativa no esforço de apresentar as percepções e análises debatidas por Fauconnier e Turner fazendo uma correlação com as teorias de Modelos Situacionais, Simulação e pela Abordagem Ecológica de Linguagem. Os resultados sugerem que a integração conceptual percorre mais do que o processamento de análogos indo a uma base ecocognitiva.

Palavras-chave: Mesclagem Conceptual. Modelos Situacionais. Cognição Ecológica. Simulação.

Abstract: The present paper presents a focus on conceptual integration from an ecological perspective of language. Although Conceptual Blending is considered the key to human evolution and creativity in the cultural revolution, its theory is the subject of much contestation. In Portrait Hijacks (figures of celebrities' faces fused into art form), what you see is a kind of unique integration of concepts. These networks of integrated concepts can be explained by a kind of ecological recruitment that forms for the formation of meaning. The aim of the study is to provide support for the assumption that conceptual integration has an embodied basis and is linked to our experiences with the environment. I start from an explanatory methodology in order to explain the factors that lead to the phenomenon of conceptual integration. The approach is qualitative in an effort to present the insights and analyzes discussed by Fauconnier and Turner making a correlation with the theories of Situational Models, Simulation and the Ecological Approach of Language. The results suggest that conceptual integration goes further than analog processing to an ecocognitive basis.

Keywords: Conceptual Blending. Situational Models. Ecological Cognition. Simulation.

1 Doutor em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7590795980230024>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7626-1504>. E-mail: edugrunge@hotmail.com

Introdução

A linguística cognitiva se preocupa com uma visão contínua entre o conhecimento de mundo e a experiência intersubjetiva que as pessoas fazem desse conhecimento em grupo ou individualmente. Especialmente nessa perspectiva de interação com o mundo é que a cognição parece se fundir com as experiências sensório-motoras levando o que se conhece como significado a um substrato entre o cérebro, corpo e ambiente.

A estruturação do que conhecemos como significado estaria fortemente ligada a aspectos ecocognitivos¹, contextuais e mentais para sua efetivação conforme debatem Gallese e Lakoff (2005). Nosso mundo conceptual emerge de esquemas multimodais para formação de sentido e esses esquemas são altamente dependentes de nosso entorno físico-ambiental. “Os esquemas são interacionais, surgindo de (1) a natureza de nossos corpos, (2) a natureza de nossos cérebros e (3) a natureza de nossas interações físicas no mundo. (GALLESE; LAKOFF, 2005, p.13, tradução nossa)”²

A emergência do substrato linguístico e do próprio uso da língua/linguagem está alicerçada em atualizações *online* feitas sob demanda, guiada por interesses sociais, intersubjetivos, particulares e peculiares. O sentido da inteligibilidade do ato de comunicação está, antes de mais nada, fundamentado na dimensão perceptual e nas experiências sensório-motoras que foram recrutadas e armazenadas na memória de longo prazo através de um contato ecológico com nosso entorno situacional.

Como uma das teorias importantes para esse debate, apresenta-se a Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). A teoria proposta pelos autores sugere que a inventividade é fruto da mesclagem de conceitos. O que proponho neste artigo é uma releitura de seus pressupostos a partir de uma perspectiva ecocognitiva, de participação efetiva na corporeidade na formação de sentido.

Usados nesse estudo, os *Portrait Hijacks*, figuras híbridas entre dois personagens, parecem ser exemplos que melhor atendem às premissas deixadas de fora nos estudos de mesclagem conceptual: em que medida os aspectos ecológicos têm parte na formação de sentidos numa integração de conceitos? Através de uma metodologia qualitativa e básica (CASELL; SIMON, 1994) e utilizando as técnicas da Teoria Fundamentada em Dados (STRAUSS; CORBIN, 2015), este artigo analisa situações de mesclagem conceptual através de imagens (*portrait hijacks*) demonstrando sua natureza ecocognitiva.

Primeiramente apresento as noções de Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1984) colocando parte de seu criticismo em aproximação epistemológica. Posteriormente apresento as noções de Simulação (BARSALOU, 1999) e os Modelos Situacionais (ZWAAN; RADVANSKY, 1998) como conceitos chave para compreender a natureza ecocognitiva das integrações conceptuais e as próprias definições ontológicas sobre a abordagem ecológica de linguagem (DUQUE, 2017). Através de uma análise qualitativa dos *portrait hijacks* (*corpus* escolhido neste estudo), trago correlações entre os conceitos de integração conceptual e ecocognição.

A pesquisa é de cunho qualitativa e básica segundo a visão de Casell e Simon (1994), usa como metodologia a teoria fundamentada em dados (*grounded theory*) de Strauss e Corbin (2015) e interpreta o objeto (integrações conceptuais) sob a visão conexionista de Denzin e Lincoln (2006).

Integração Conceptual e criticismo

A teoria dos Espaços Mentais (1994) e Teoria da Mesclagem Conceptual (2002) foram propostas por Gilles Fauconnier e Mark Turner no sentido de explicar toda a inventividade e criatividade na produção de ideias do ser humano. Segundo os próprios autores, o processo de

1 Entenda-se como “ecocognitivo”, a cognição através de um conjunto complexo entre mente, corpo e ambiente para a formação de sentido. Para maiores informações sobre cognição ecológica ou ecocognição, conferir Duque (2016; 2017).

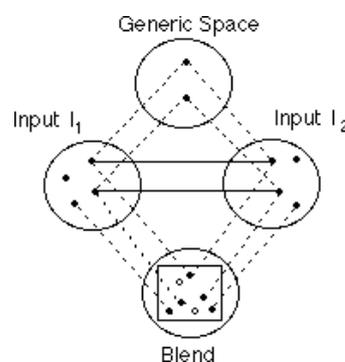
2 Schemas are interactional, arising from (1) the nature of our bodies, (2) the nature of our brains, and (3) the nature of our social and physical interactions in the world.

integração conceptual seria a chave para o mistério da evolução e cognição humana. O foco da teoria paira sobre a interação entre estruturas conceptuais para a formação de novos conceitos. A formação de sentido é estruturada pelo mapeamento de informações entre análogos que tem sua base edificada localmente em lugares onde são processadas informações de forma dinâmica os quais são chamados pelos autores de espaços mentais.

Esses espaços mentais são dinâmicos, pois conforme manifestamos nossa intenção comunicativa, eles são estruturados no aqui e no agora, sofrendo pressões de ordem contextual e cultural. A base da alimentação dos espaços mentais é dada por estruturas de conhecimentos de certo modo estáveis como os *frames*³.

Informações são processadas no chamado espaço genérico e espaços mentais (*inputs* 1 e 2) projetam o resultado da mesclagem conceptual num espaço mescla (*blend*) (figura 1).

Figura 1. Mesclagem conceptual



Fonte: Adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p.46).

O objetivo da mesclagem conceptual é, segundo os próprios autores: (1) comprimir o que é difuso; (2) obter *insights* globais; (3) fortalecer relações vitais; (4) provocar a emersão de histórias; (5) ir do múltiplo ao uno.

É no espaço mescla (*blend*) onde ocorre o substrato final da integração conceptual, onde toda a inventividade do ser humano é colocada como produto final para a obtenção de sentido e estruturas novas.

Apesar da robustez da teoria, algumas contestações têm surgido sobre como resolver-se-ia a questão da medida da participação de aspectos ecocognitivos (participação do corpo e do ambiente) num processo de integração conceptual. As noções de simulação mental e modelos situacionais parece se coadunar com as resoluções dessa problemática.

Simulação e modelos situacionais

A teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER; 1984) e mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) é, sem dúvida, uma excelente ferramenta na construção de estruturas conceptuais criativas. Contudo, boa parte da crítica feita ao modelo é a ausência de explicação sobre o que se faz e o que não se faz *online*, ecocognitivamente. O que parece imanente como solução a esse dilema são ferramentas que, máxime, estão imbricadas no processo de integração conceptual: a simulação e os modelos situacionais.

As noções de simulação mental e estruturação *ad hoc* (BARSALOU 1999; 1983) nos pontuam que o homem realiza simulações mentais para obter sentido nos enunciados que ouve. Essa

³ Segundo Fillmore (1976) frames são como “quadros” de conhecimento estruturando o entendimento. Segundo o autor, ao acionarmos um conceito levamos junto outros conhecimentos pertinentes a esse domínio específico de conhecimento.

formação de sentidos é feita quando da aquisição da pista linguística e perceptual dando início a uma espécie de emulação sobre situações e experiências já vividas previamente. Essa formação se dá *online* e *ad-hoc* para formação de significado.

Essa tradução apenas é possível através dessa simulação. Quando ouvimos a palavra “palhaço” é imediata a simulação mental de um palhaço conforme nossas experiências. Essa recoleção de experiências se dá pela recuperação de invariâncias promovidas por símbolos perceptuais⁴ (BARSALOU, 1999). Se, por exemplo, mencionarmos uma palavra como “cachoeira fatiada”, imediatamente formamos imagens mentais de toda sorte conforme as escolhas e experiências de cada um. Esta premissa é a mesma tomada por Lakoff (2004) quando o autor sugere que não se pense num elefante. Mesmo contra a ordem do enunciador, formamos uma imagem mental de um elefante. É um processo automático. Estas experiências, mesmo as mais básicas baseadas em esquemas simples, envolvem um certo nível de simulação mental.

Do mesmo modo, a noção de modelos situacionais parece coadunar com os pensamentos de integração conceptual, especialmente no tocante aos *portrait hijacks*. Zwaan e Radvansky (1998) explicam que modelos situacionais são modelos mentais de compreensão de mundo obtidos através da imersão do leitor na atividade de leitura. Os autores nos advertem que para que os modelos situacionais entrem em ação, é preciso que a pessoa entre na pele do personagem a fim de compreender de fato o significado do conceito. Mas em que medida os modelos situacionais podem fazer parte de uma integração conceptual?

A partir do momento em que ouvimos um conjunto conceptual de enunciado e imagem como no proposto por um *portrait hijack*, imediatamente realizamos uma simulação mental e uma operação com os modelos situacionais. Nessa hora nós nos valemos de experiências prévias sobre os conceitos apresentados, nosso conhecimento de mundo, informações compartilhadas de nível sociocultural e, principalmente, colocamo-nos na situação proposta. Ao fazermos uma simulação mental, estamos nos utilizando de modelos situacionais que também são ferramentas simulativas. São processos contíguos e que se interdependem.

Vale lembrar que todo o resultado conceptual é de ordem intersubjetiva e não pode ser explicado de forma massiva, uma vez que cada interpretação depende do nível de conhecimento de mundo e da simulação particular que cada um faz para si na busca pela formação de sentido.

Uma visão ecológica

A noção de psicologia ecológica, inicialmente debatida por Gibson (1979) discute sobre de que forma o sistema cognitivo emerge da atuação do corpo no ambiente. Assim, falar de cognição ecológica é entender como as informações perceptuais obtidas durante a exploração do ambiente alimenta o cérebro orquestrando a montagem de circuitos sensório-motores de percepção para a execução de tarefas.

O cérebro, dentro da abordagem ecológica de cognição, é um recurso de resposta rápida que coordena a montagem de dispositivos de tarefas específicas. Circuitos neurais (ou *frames*) são modelados e remodelados para dar conta da cognição distribuída (por todo o corpo) e estendida (para além do corpo). Esses circuitos são (re) modelados pelo reforço constante de redes neurais que disparam juntas na execução recorrente da mesma tarefa específica. Dentro dessa perspectiva de cognição, o cérebro participa da cognição para garantir certa estabilidade e rapidez aos processos que dependem de informações perceptuais e motoras não presentes no entorno ambiental (DUQUE, 2017, p23).

No caso específico da integração conceptual, nosso repositório de experiências armazenado no cérebro nos permite recorrer a esse aparato para a construção de significados novos a partir do prévio. Não apenas em reconhecimento de *affordances* (GIBSON, 1979), mas de toda uma rede conceptual e *frames* que possuímos na memória de longo prazo que vão nos orientar nos processos de integração conceptual. Essa interface entre linguística, elementos contextuais-visuais e aparato

4 Símbolos perceptuais são estruturas esquemáticas usadas para a compreensão ecocognitiva das situações de conceptualização as quais o homem precisa para a formação de sentido.

sensorio-motor possibilita a cognição integrante entre cérebro, corpo e ambiente.

A simples formação de conceitos, mesmo as das estruturas mais simples, recruta experiências sensorio-motoras armazenadas no nosso cérebro conforme acreditam Zwaan e Taylor (2006). Segundo estudo realizado pelos autores, ao observar ações e compreender sentenças sobre essas mesmas ações, ocorre uma ativação de processos motores no observador-compreendedor. O que se concluiu é que o mesmo alto nível de atividade motora e recrutamento sensorio-motor observado na execução física de tarefas também é observado sem perda de intensidade quando uma pessoa deve ouvir uma sentença sobre essa mesma ação. Do mesmo modo, o fato de observar a ação também recruta os mesmos níveis de atividade motora observados na execução da tarefa e quando da audição de uma sentença sugerindo a mesma ação, incluindo recuperação de possibilidades de interação e todas as estruturas usadas quando fisicamente precisamos executar uma ação.

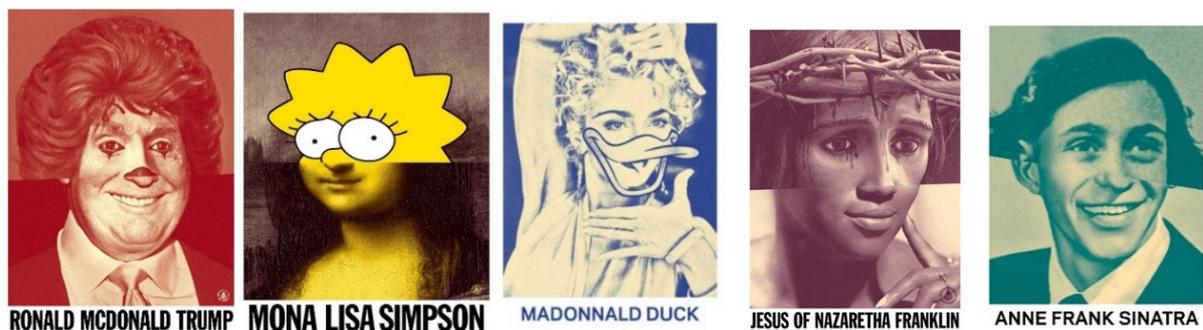
Fauconnier e Turner (2002) depositam pouco crédito nas nossas experiências sensorio-motoras, e supervalorizam o papel das estruturas mentais nos processos de integração de conceitos. Acreditando que “criatividade e novidade dependem de um *background* firmemente ancorado em estruturas mentais bem dominadas⁵” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p.382, tradução nossa). No entanto, o que vemos é que muito do processo de integração conceptual é físico também e não apenas guiado por *affordances*⁶ do mundo real (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Não há de se falar em etapas discretas e separadas de até certo ponto serem mentais e até certo ponto serem físicas. O que há, conforme uma base ecológica, é um processo contínuo onde físico e mental estão tão envolvidos e onde não é possível separar criticamente um do outro.

Através de exemplos como os do artista Kalle Mattsson, os *portrait hijacks*, é possível observar essa participação ecocognitiva numa integração conceptual. Estruturas que serão analisadas agora.

Análise: *Portrait hijacks* e sua natureza ecológica

Recentemente começou a circular na internet fotos de celebridades (fictícias ou reais) com seus rostos fundidos como forma de arte ou entretenimento.

Figura 2. Portrait Hijacks



Fonte: Adaptado de Kalle Mattsson, via google.com.

O *corpus* de análise desse artigo é esse tipo de arte: *Portrait Hijacks* (figura 2). O termo vem do inglês que, em tradução livre, significa “sequestro de fotos” como forma de ilustrar o que aconteceria quando fundimos duas personalidades diferentes e muitas vezes conflitantes num único retrato, num único conceito.

A soma dessas personalidades não é definida como numa mescla comum de escopo duplo como “lobisomem”⁷ (figura 3), que seria um exemplo ideal de integração conceptual desse tipo.

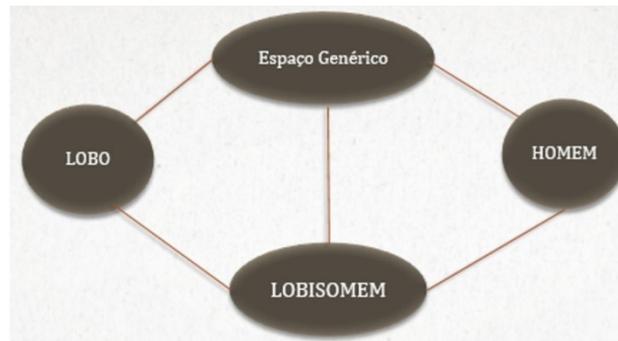
⁵ Creativity and novelty depend on a background of firmly anchored and mastered mental structures.

⁶ Possibilidades de interação com um objeto ou ambiente segundo os estudos de Gibson (1979).

⁷ Segundo a teoria de Fauconnier e Turner, temos quatro tipos de redes de mesclagem: a) Redes Simplex, onde elementos do frame estruturante projetam valores; b) Redes Espelho, onde todos os inputs compartilham um

Em “lobisomem” a mesclagem conceptual aconteceria de forma clássica selecionando inputs dos frames LOBO e HOMEM para formar no espaço-mescla algo que é conhecido na nossa contracultura como um homem com feições hominídeas e lupinas de uma forma que não mais se assemelha a um lobo, tampouco a um homem. Forma-se, então, uma estrutura totalmente nova no tocante à criatividade e, de certo modo, influenciada pela cultura popular e cinematográfica do mundo em que vivemos.

Figura 3. Integração conceptual de lobisomem



Fonte: Elaborado pelo autor.

No entanto, o exemplo LOBISOMEM apenas nos ativa pistas linguísticas que nos fazem remeter a um conceito fictício de um personagem que deve ser resgatado de nossas experiências prévias com um lobo, um homem ou um próprio lobisomem que vimos em algum filme ou revista. Muito do criticismo sobre a essência da teoria é que ela não apresenta um viés em que se possa criar um conhecimento novo, mas apenas mostra como readaptar um conhecimento já existente. Esse aparato funcionaria muito mais como um mecanismo de referência do que como uma ferramenta de construção de conhecimento totalmente novo. Para mais, ver Mondada e Dubois (2003), Lima (2008), Marcuschi (2005), Koch (2002), Koch e Elias (2008), Van Dijk (2004). Em seu artigo crítico sobre a teoria da mesclagem conceptual, Vladimir Glebkin afirma que:

Para resumir minha afirmação aqui, gostaria de chegar ao ponto geral: a mesclagem não pode fornecer o surgimento de novos conhecimentos conceituais; Sua função é adaptar o conhecimento existente às necessidades das pessoas comuns (Glebkin, 2013, p.2407, tradução nossa)⁸.

À primeira vista, quando nos deparamos com um *portrait hijack*, observamos, de fato, um tipo de integração conceptual na qual não criamos um elemento fisicamente novo, mas mantemos a estrutura dos *inputs* deixando a tarefa da mesclagem apenas na questão valorativa.

único frame estrutural; c) Redes Simples, onde os inputs têm frames estruturais diferentes veiculando uma vivência de uma experiência em função da outra como numa metáfora conceptual e; d) Redes Duplas, onde os inputs têm frames conflitantes apresentando na mescla elementos novos que não estão nas entradas dos inputs.

8 To sum up my contention here, I would like to get to the general point: blending can not provide the emergence of new conceptual knowledge; its function is to adapt existing knowledge to the needs of average people.

Figura 4. Ronald McDonald Trump



Fonte: Adaptado de Kalle Mattsson, via google.com.

Ao nos depararmos com “Ronald McDonald Trump” (figura 4), não temos ideia de como realizar a mescla sem que se mencione a pista linguística do nome do novo personagem. A simples apresentação da imagem de um homem dividindo o espaço da fotografia com um rosto de um palhaço não nos leva a realizar uma mesclagem conceptual. Da mesma forma, ao ouvirmos a frase “Ronald McDonald Trump” poderíamos apenas nos deparar com um nome de uma pessoa qualquer, uma vez que os sobrenomes podem ser usados para qualquer indivíduo. Finalmente, quando vemos o conjunto da imagem do palhaço junto ao homem seguido de seu nome, podemos realizar uma integração conceptual, formando a partir daí uma entidade nova. Até a apresentação do conjunto, não seria possível ter um critério para a seleção dos *inputs* e, de modo semelhante, dos *frames* que os estruturam. Depois do sistema estar relativamente estável, podemos iniciar o processo de integração conceptual associando vários *frames* estruturais e conflitantes no conjunto. Associam-se *frames* estruturais de circo e palhaços, do homem comum, do líder político e da rede de lanchonetes *McDonald's*. Aí então temos uma integração conceptual plena e é nessa hora que ocorre a ruptura do estado estável do sistema para a quebra em função do humor promovido pelo *portrait hijack*. Mas como não saber se esta não é apenas uma manobra de mesclagem comum ou, de fato e conforme o criticismo sobre a teoria propõe, apenas uma operação de referenciação de experiências conceptuais prévias para a formação dessa nova entidade conceptual emergente?

Inicialmente devemos ter em mente que a mesclagem é uma operação de integração conceptual que seleciona *inputs* processados em espaços mentais estruturados por *frames* próprios (conflitantes ou não) para a compressão de relações vitais no percurso para a formação de sentido. Normalmente, a operação de mescla surge de pistas linguísticas sem a presença de material contextual visual para a sua formação. No caso do *portrait hijack*, temos um conjunto tanto linguístico como visual. Sem esses elementos, poderíamos ter a não formação da mescla e, conseqüentemente, nulidade da formação de sentido.

No caso da assunção de se tratar apenas de uma operação de referenciação de experiências conceptuais prévias, estaríamos definindo que não há informação nova. O que existiria apenas seria uma soma de conhecimentos sobre a rede de lanchonetes, política e contextos de circos e palhaços. Entretanto, o simples fato de conhecermos sobre esses assuntos não nos garante formar uma estrutura nova simplesmente pela justaposição desses elementos. De tal maneira, como podemos resolver essa situação e como defini-la?

O que proponho é uma assunção que, de fato, ocorre uma integração conceptual. Não há de ser falar em “Ronald McDonald Trump” sem integrar conceitos para que a piada veiculada pelo *portrait hijack* faça sentido. No entanto, essa integração conceptual vai além da simples referenciação e do processamento de informações análogas entre os *inputs*, pois, com efeito, pouco se tem de análogo entre a rede de lanchonetes do *McDonald's* e o presidente americano Donald

Trump. A Negociação do sentido do *portrait hijack* é altamente intersubjetiva e dependente do processamento individual da pessoa. Aí então encalhamos noutra dilema: Como explicar o caráter intersubjetivo da integração conceptual vista sob essa perspectiva?

De forma diferente do *frame* que evoca pistas linguísticas, entra em cena o *frame* interacional conforme teorizado por Duque (2017). O *frame* interacional veicula uma gama de informações e conexões de base interacional e social de uma dada situação. Nele, podemos ter ideia do teor social compartilhado em nível de interação para que possamos compreender uma situação. Ele é construído pelas interações promovidas pela linguagem de um modo geral. Nas palavras do autor:

Diferentemente do *frame* linguístico, o *frame* interacional ocorre apenas a partir de interações sociais mediadas pela linguagem, ou seja, interações que evocam *frames* modelados com base na compreensão da situação comunicativa em si (DUQUE, 2017, p37).

Ainda sob essa mesma ótica:

O *frame* interacional, por sua vez, é modelado pelas interações sociais mediadas pela linguagem. Até mesmo a compreensão de ideias abstratas tem relação com o uso de exemplos concretos em todos os níveis de aprendizagem, pois realizamos simulações motoras e perceptuais mesmo quando processamos enunciados abstratos (DUQUE, 2017, p42).

O ponto de vista da problemática de acionamento de simulações motoras e perceptuais no processamento de enunciados abstratos é ponto factual que nos atemos a explicar detalhadamente a seguir.

Para que, a valer, a integração conceptual do *portrait hijack* faça sentido em “Ronald McDonald Trump”, é preciso que existam etapas durante a formação do novo conceito não descritas/previstas numa simples operação de referência ou de mesclagem conceptual (neste caso de escopo duplo onde existem *frames* estruturais e interacionais conflitantes). As operações responsáveis pela intersubjetividade da formação da integração conceptual são a simulação e o uso de modelos situacionais para resolução de problemas *ad-hoc*.

Através de uma simulação mental da situação proposta pela integração conceptual e do uso de modelos situacionais (ferramentas simulativas para resolução de uma demanda episódica), o formador da mescla precisaria recorrer a experiências sensorio-motoras prévias para a formação de sentido *online*, *ad-hoc* e sob demanda situacional (figura 5). O que responderia um grande dilema levantado pela teoria dos espaços mentais e mesclagem conceptual: o caráter ecológico e sensorio-motor da integração de conceitos.

Figura 5. Integração conceptual recrutando aparato ecológico sob o ponto de vista simulativo-situacional



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao experimentar o conjunto “Ronald McDonald Trump”, a pessoa precisa, como numa operação de integração conceptual, trazer à tona os conceitos dos vários inputs sugeridos pela frase. No entanto, as etapas que permeiam esse processo são um pouco mais complexas. Para que a sentença faça sentido, é preciso juntar as informações visuais do retrato e seu conhecimento de mundo sobre a questão. Ao juntar informações sobre os frames CIRCO, FAST FOOD, POLÍTICA e PALHAÇO, o formador de conceitos precisa fazer com que essas informações se conectem de tal maneira que façam sentido e ele é particular.

Se considerarmos que o indivíduo que vê o portrait hijack saiba que Donald Trump foi um presidente de baixa popularidade e com ideais políticos intransigentes e, de certo modo, infantis como a construção de um muro que separe os Estados Unidos do México, temos um frame sobre política bem definido. Mesmo sabendo que os mexicanos e todos os imigrantes que cruzam a fronteira contribuem valorosamente para o crescimento dos Estados Unidos, o presidente disseminava tais ideias, o que incitava um sentimento de revolta em seus conterrâneos e correligionários. Isso o coloca num enquadramento de piadista e pessoa não-séria ao tratar assuntos tão importantes. Obviamente, este frame POLÍTICA não estaria acessível para uma pessoa não ligada às informações atuais do ex-presidente Trump, o que excluiria esse frame da integração conceptual. Posteriormente, temos o frame FAST FOOD que nos remete a uma espécie de má qualidade de alimentação promovida pelo McDonald’s, que é visto como um lugar não saudável para se comer, o que se reflete numa relação vital de valores quando de sua compressão.

Uma outra leitura, agora partindo do princípio de que o McDonald’s é apenas a lanchonete do Palhaço Ronald McDonald, é a que o saltimbanco apenas promove brincadeiras na lanchonete seguindo um enquadramento cômico. Seguindo-se, temos o frame CIRCO que nos remete a experiências cômicas com palhaços e suas apresentações atrapalhadas na tentativa do riso. De todos os frames, forma-se a estrutura emergente de um político não sério, nocivo como a rede de lanchonetes e que faz ações sensíveis no tocante ao aspecto social de maneira atrapalhada e ridícula tal como faria um palhaço.

Finalmente, temos também a compressão de relação vital de unidade e da tentativa da escala humana no sentido de fundi-los num só homem. No entanto, ainda persiste a questão do aspecto sensório-motor e ecológico nisso tudo. Em que medida os aspectos físicos de interação com o mundo (além do conhecimento sociocultural das situações) tem parte na questão da integração conceptual?

Para que haja a formação de conceitos, por mais abstratos e pequenos que sejam, é preciso que haja uma interação entre corpo e ambiente.

Nosso corpo está intimamente ligado ao que nós seguimos, sentimos, tocamos, provamos, cheiramos, vemos, respiramos e nos movemos para dentro e para fora de algo. Nossa corporeidade faz parte da corporeidade do mundo (LAKOFF, 1999, p.565, tradução nossa)⁹.

A formação de conceitos está indelevelmente imbricada em experiências sensorio-morotas básicas constituindo metáforas primárias:

Nossos cérebros são estruturados de modo a projetar padrões de ativação de áreas sensório-motoras para áreas corticais superiores. Estes constituem o que chamamos de metáforas primárias. Projeções desse tipo nos permitem conceituar conceitos abstratos com base em padrões inferenciais usados em processos sensório-motores que estão diretamente ligados ao corpo (LAKOFF, 1999, p.77, tradução nossa)¹⁰.

9 Our body is intimately tied to what we walk on, sit on, touch, taste, smell, see, breathe, and move within. Our corporeality is part of the corporeality of the world.

10 Our brains are structured so as to project activation patterns from sensorimotor areas to higher cortical areas. These constitute what we have called primary metaphors. Projections of this kind allow us to conceptualize abstract concepts on the basis of inferential patterns used in sensorimotor processes that are directly tied to the body.

Os significados de estruturas novas nos permitem fazer inferências sobre coisas não vistas, determinar o que precisa ser lembrado dos eventos passados, saber o que usar na resolução de problemas e reutilizar formas de pensar bem-sucedidas. Não é possível, para a integração conceptual, nos utilizarmos apenas de episódios observados e não vivenciados. Tal possibilidade não seria plausível, pois mesmo se não tivermos experimentado exatamente a mesma situação, trazemos à tona experiências análogas que serão recrutadas apenas situacionalmente para resolver o problema cognitivo proposto. Sobre a falta de peças de informação ausentes num processo de simulação, Barsalou (1999) elucida com um exemplo sobre carros:

Considere o processo de armazenagem de símbolos perceptuais enquanto observamos um carro. Na hora em que alguém observa o carro de lado, a atenção seletiva foca em vários aspectos do corpo do carro tais como a lataria, rodas, portas e janelas. Como a atenção seletiva foca nesses aspectos, as memórias resultantes são integradas espacialmente, talvez usando um *frame* referencial centrado num objeto. Do mesmo modo, quando o percebedor se move para a traseira, para o outro lado e para a frente, os registros perceptuais armazenados tornam-se integrados nesse sistema espacialmente organizado. No momento em que o percebedor olha embaixo do capô, observa o porta-malas e entra no assento de passageiro, mais registros vão sendo integrados. Como resultado desses registros organizados perceptualmente, os percebedores podem mais tarde simular o carro em sua total ausência. Eles podem antecipar como o carro pareceria do seu lado se eles se movessem ao redor do carro na mesma direção que antes; ou eles poderiam antecipar como o carro pareceria a partir da frente se eles fossem ao redor do carro na direção oposta. Isso é devido eles terem integrado informação perceptual extraída previamente em um sistema organizado, eles podem simular coerentemente as experiências com o objeto (BARSALOU, 1999, p.586, tradução nossa)¹¹.

O sistema conceptual começa a ser construído a partir do nascimento. As bases esquemáticas que estruturam o sistema conceptual são modeladas durante os primeiros meses de vida (CAREY, 2009; MANDLER, 2004; CAMPANELLA; ROVEE-COLLIER, 2005; LUO; BAILLARGEON, 2005).

Dessa forma, para o simples recrutamento de estruturas conceptuais sugeridas pela montagem do retrato do *portrait hijack*, é preciso que se recorra a experiências sensorio-motoras, esquemas cognitivos e imagéticos básicos e todo um aparato ecológico para a formação de sentido.

Todavia, ainda resta uma contestação. O que de fato garante que necessariamente possuímos recrutamentos ecológicos que permitam resgatar experiências sensorio-motoras para a construção de sentido numa situação como a do personagem Ronald McDonald Trump? Na verdade, independente do conhecimento de mundo, temos, mesmo que minimamente, experiências perceptuais numa situação como essa. Mesmo que o indivíduo comum nunca tenha ouvido falar de Donald Trump ou não se interesse por política, ela fará uma simulação mental envolvendo um homem com um palhaço. Neste caso, as informações de cunho de crítica política sobre o presidente

11 Consider the process of storing perceptual symbols while viewing a particular car. As one looks at the car from the side, selective attention focuses on various aspects of its body, such as wheels, doors, and windows. As selective attention focuses on these aspects, the resulting memories are integrated spatially, perhaps using an object centered reference frame. Similarly, as the perceiver moves to the rear of the car, to the other side, and to the front, stored perceptual records likewise become integrated into this spatially organized system. As the perceiver looks under the hood, peers into the trunk, and climbs inside the passenger area, further records become integrated. As a result of organizing perceptual records spatially, perceivers can later simulate the car in its absence. They can anticipate how the car would look from its side if they were to move around the car in the same direction as before; or they can anticipate how the car would look from the front if they were to go around the car in the opposite direction. Because they have integrated the perceptual information extracted earlier into an organized system, they can later simulate coherent experiences of the object.

se perderiam, mas a simulação mental do homem fazendo comédia, fingindo ser um palhaço permaneceriam. Sua conceptualização na integração de conceitos ainda existiria, diferentemente de uma pessoa que conheça todos os frames que o *portrait hijack* sugere, mas existiria. Desse modo, reafirmo que a conceptualização integrada é amplamente intersubjetiva, pois depende do nível de conhecimento social, cultural e, sem dúvida, do nível de experiência sensorio-motor de cada um para a situação específica.

Conclusões

A teoria dos espaços mentais e mesclagem conceptual proposta por Fauconnier e Turner nos presenteia com uma ferramenta, conforme os próprios autores afirmam, de essencial compreensão da inventividade e criatividade da raça humana. A capacidade de integração conceptual é que nos diferencia do restante dos animais do planeta, o que permitiu nossa evolução no mundo em que vivemos. A integração conceptual, conforme pontuada, parece não lançar respostas definitivas sobre a participação ecocognitiva do corpo numa operação de formação de sentido.

O que proponho como resposta (ou complementação) da crítica feita ao modelo de mesclagem conceptual, é a descrição de duas etapas concomitantes no processo e a seleção dos critérios para a estruturação do espaço-mescla durante o andamento da conceptualização dessa nova estrutura. São elas a etapa de simulação mental e o uso de modelos situacionais.

Quando nos valem de simulação mental e controle situacional das informações fornecidas por *frames* armazenados *off-line*, selecionamos criteriosamente quais informações podem ser utilizadas ou não. Assim, o problema do critério utilizado para a formação da mescla estaria resolvido e que parte do processo está localizando *online* ou não. Uma vez que usamos os modelos situacionais apenas para resolvermos o problema imediato proposto pela integração de conceitos, essas informações não se estabelecerão na nossa memória de longo prazo, pois elas serão apenas criadas *ad-hoc* para a integração conceptual.

Partindo do princípio que as operações de formação de sentido estão inegavelmente ligadas a nossas experiências sensorio-motoras, a concepção de uma abordagem ecológica de linguagem ligada à integração conceptual é uma assunção que deve ser tomada como verdadeira. Se nossos corpos e mentes estão ligados a nosso entorno ambiental, é justo considerar que tudo parte do nosso aparato sensorio-motor e que qualquer operação de conceptualização deve partir do nosso nicho ecológico para formação de sentido.

Apesar da teoria da mesclagem conceptual e espaços mentais ser uma teoria relativamente nova, muito ainda há de se falar nesse sentido. O que parece ser indiciário é que, de fato, as operações de conceptualização parecem fazer uma espécie de ressonância motora no nosso cérebro em direção a nossos corpos. O que nos leva a crer que as operações de conceptualização passam ou se iniciam pelo nosso aparato sensorio-motor, caracterizando o aspecto ecocognitivo como parte indissociável na formação de sentido.

Referências

- BARSALOU, L. Ad Hoc Categories. **Memory and Cognition**. Berlin, v.11, n.3, p. 211-217, 1983.
- BARSALOU, L. Perceptual Symbol Systems. **Behavioral and brain sciences**. Cambridge, v.22, n.4, p.577-660, 1999.
- CAMPANELLA, J; ROVEE-COLLIER, C. Latent learning and deferred imitation at 3 months. **Infancy**. New Jersey, v.7, n.3, p. 243-262, 2005.
- CAREY, S. **The origin of concepts**. Reprint Ed. New York: Oxford University Press, 2009.
- CASELL, C; SIMON, G. **Qualitative Methods in Organizational Research: A Practical Guide**. London: Sage, 1994.

- CORBIN, J; STRAUSS, A. **Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory**. Los Angeles: SAGE Publications, 2015.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage Handbook of qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.
- DUQUE, P.H. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, 2017.
- DUQUE, P.H. A emergência do comportamento linguístico. **Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL**. Porto Alegre, v.14, n.27, p.151-172, 2016.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. 1st Ed. Cambridge: MIT Press, 1984.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. 1st Ed. New York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, C. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H.D.; LANCASTER, J.. (eds.) **Origins and evolution of language and speech**. New York: New York Academy of Sciences, 1976.
- GALLESE, V.; LAKOFF, G.. The brain's concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. **Cognitive neuropsychology**. United Kingdom, v.22, n.3-4, p. 455-479, 2005.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. 6th Ed. Boston: Houghton Mifflin, 1979.
- GLEBKIN, V. A Critical View on Conceptual Blending Theory. In: KNAUFF, M.; PAUEN, M.; SEBANZ, N.; WACHSMUTH, I. (Eds.), **Proceedings of the 35th Annual Conference of the Cognitive Science Society**. Austin: Cognitive Science Society, p.2404-2409, 2013.
- KOCH, I.; **Desvendando os segredos do texto**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos dos textos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAKOFF, G. **Don't Think of an Elephant!: Know Your Values and Frame the Debate: the Essential Guide for Progressives**. 1st Ed. White River Junction: Chelsea Green Pub. Co., 2004.
- LAKOFF, G. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. 1st Ed. New York: Basic Books, 1999.
- LIMA, G. O. S. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião**. 2008. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
- LUO, Y., BAILLARGEON, R. Can a Self-Propelled Box Have a Goal? **Psychological Science**, United States, v.16, n.8, 2005, p.601-608.
- MANDLER, J. M. **The foundations of mind: origins of conceptual thought**. 1st Ed. New York: Oxford University Press, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C.. (Orgs.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M.M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

VAN DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação**. INGEDORE, K. (org). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ZWAAN, R.; RADVANSKY, G. Situation Models in Language Comprehension and Memory. **Psychological Bulletin**, United States, v. 123, n.2, p.162-185, 1998.

ZWAAN, R.; TAYLOR, L. Seeing, Acting, Understanding: Motor Resonance in Language Comprehension. **Journal of Experimental Psychology**, United States, v. 135, n. 1, p. 1–11, 2006.

Recebido em 22 de abril de 2019

Aceito em 25 de maio de 2022